



Implícitos subentendidos no formato comentário do gênero opinativo¹

Marcelo Bernardes FARINA²
Janine Marques Passini LUCHT³
Roberta SARTORI⁴

Resumo: Analisamos nesse artigo, os implícitos presentes em comentários esportivos referentes à Copa do Mundo de 2014. Abordamos a diferenciação dos gêneros jornalísticos, proposta pelo autor Marques de Melo, definindo a função do comentário - formato do gênero opinativo. O Corpus de Análise é constituído de comentários dos jornalistas Wianey Carlet e Luiz Zini Pires, do Grupo RBS, mais especificamente do jornal Zero Hora, publicados no site do veículo, nos dias 21 e 27 de outubro de 2011, respectivamente. Buscamos analisar e demonstrar as situações de utilização dos implícitos subentendidos e como esses mecanismos servem para proteger o jornalista. Concluímos que o formato comentário, atualmente, se expressa através de diversas informações contextuais, não presentes no texto, também chamadas de implícitos subentendidos.

Palavras-chaves: Gêneros jornalísticos, comentário, implícitos, subentendidos, Copa 2014

1. INTRODUÇÃO

A Copa do Mundo de 2014 não é só futebol. Hoje fala-se mais em obras, superfaturamento, corrupção, política do que em passes, estratégias, jogadores e, o melhor de tudo, gols. Discussões sobre futebol estão sendo produzidas – publicadas e televisionadas – envolvendo os problemas que o Brasil vem enfrentando para construir um ambiente adequado para que tal evento ocorra com sucesso e com a adequação que merece. Conceituados comentaristas estão envolvidos nessa discussão. Cada vez mais apresentando uma postura crítica e argumentativa. O comentário, um dos formatos do gênero opinativo, segundo Marques de Melo (2003) é o recurso que mais vem sendo utilizado pelos profissionais do jornalismo para cobrir e discutir essas questões. E esse é um dos principais espaços.

¹ Trabalho apresentado no DT 1 – Jornalismo do XIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul realizado de 31 de maio a 2 de junho de 2012.

² Estudante de Graduação do 3º semestre do Curso de Jornalismo da ESPM-Sul, email: marcelo.b__farina@hotmail.com.

³ Janine Marques Passini Lucht. Diretora e professora doutora do Curso de Jornalismo, email janine@espm.br.

⁴ Roberta Sartori, profª. Me. do Curso de Jornalismo da ESPM-Sul: rsartori@espm.br.



Com relação a isso, é percebido um contraste de posições de um veículo de comunicação para outro. Alguns comentaristas são menos críticos em relação a determinado fato. Outros, simplesmente não abordam acontecimentos mais polêmicos e preocupantes. É uma situação perceptível de jornal para jornal, embora também seja transparente a observação crítica das notícias em graus diferentes nos mesmos. Os interesses da empresa certamente influem na linha editorial de alguns órgãos de imprensa e com isso impulsionam também os comentários, mesmo que esses sejam redigidos por profissionais contratados para dar sua opinião. Isso acontece, ainda que em muitos casos se faça grande esforço para tentar pregar a ideia de imparcialidade jornalística.

Em tempos de Copa do Mundo, a política está cada vez mais presente no esporte e isso mexe com muita gente. A imprensa, certamente, está envolvida nesse jogo de poderes. A prova disso é que visualizamos algumas acusações mais repetitivas a esse ou aquele órgão ou cidadão em determinado jornal, enquanto outros tomam preferência por uma postura mais moderada ou defensiva. O comentário esportivo, por ser um dos formatos de gênero jornalístico mais expressivo como mecanismo de omitir opinião, invariavelmente acaba sendo dominado e gerido pela esfera política.

As diferentes espécies de posição em determinado assunto que um comentarista pode atuar pode ser medida por vários aspectos. Começando pelos recursos linguísticos. A pronúncia de uma frase dessa maneira e não de outra ajuda a repassar uma ideia mais forte e incisiva. Até uma vírgula tem seu valor em um comentário. Um modo de não se comprometer desenvolvido atualmente é a utilização de implícitos. Isso é muito comum quando se deseja proferir alguma acusação, mas não há o interesse em assumi-la. Os enunciados trabalham com informações não incluídas no texto. O jornalista disse determinada frase, mas ao mesmo tempo pode negá-la, pois ela não está expressa. Nesses casos que envolvem desvios de milhões, superfaturamento em obras de estádios, contratos mal elaborados com construtoras, a ferramenta de se comunicar através dos implícitos é muito válida. Para se ter uma acusação fundamentada é necessário que se tenha um poderoso embasamento. Os implícitos protegem comentaristas que proferem acusações sem provas. É como dizer que o Presidente da CBF é corrupto e ajudou a derrubar o Clube dos 13 sem se comprometer, diante da impossibilidade de comprovação legal dos fatos.



Este trabalho tem como objetivo avaliar os recursos utilizados na construção de comentários esportivos. Analisaremos a construção de opiniões se valendo do uso de implícitos subentendidos. Pretendemos desvendar as implicações, tornando as opiniões mais claras e compreensíveis. Nossa análise recairá especificamente ao Gênero Opinativo em seu formato comentário. Esse artigo descreve as diferentes classificações no meio jornalístico, propostas por Marques de Melo (2003) e a importância de seu uso.

Nesse sentido, selecionamos como corpus de análise os comentários esportivos de WianeyCarlet e Luiz Zini Pires, ambos da Zero Hora. Selecionamos posts de seus blogs que envolvem o tema Copa do Mundo 2014 e a situação de Porto Alegre, a exclusão na Copa das Confederações, assim como as obras no Beira-Rio e na Arena do Grêmio. Detectaremos subentendidos e indicaremos o sentido do comentário.

Para podermos chegar a conclusões mais exatas, contextualizaremos a questão, buscando as informações não contidas no texto a que os implícitos se referem. Os dois comentaristas tratam de situações semelhantes e interligadas. Com essas avaliações minuciosas, perceberemos como os comentaristas sustentam suas posições e as possíveis barreiras que lhe bloqueiam de uso de artifícios mais claros. Nossa pesquisa foi exclusiva de comentários esportivos de veículos gaúchos envolvendo a questão do mundial de 2014. Vamos avaliar a abordagem dos analistas sobre o Gre-Nal de estádios em Porto Alegre, a exclusão da cidade da Copa das Confederações, questões políticas que envolvem a escolha das sedes dos principais jogos do torneio com consequente escanteamento da capital gaúcha, além do problema das obras do estádio Beira-Rio, assim como a construção da Arena do Grêmio.

A imprensa tem o papel de sintonizar o público com o real, por isso é fundamental que todos observem com cuidado sua atuação e tenham a capacidade necessária de discernir quando há algum conflito de interesses ou não.

2 GÊNEROS JORNALÍSTICOS

Os gêneros auxiliam o público a entender as diferentes publicações e exibições do meio jornalístico. Eles têm como função distinguir os formatos do repasse de informações das expressões de opiniões e outras ferramentas da atividade jornalística. A classificação dos gêneros foi denominada por vários autores de maneira diferente. Neste trabalho vamos considerar a divisão feita por Marques de Melo (2003). Os cinco gêneros



possíveis são: Informativo, Opinativo, Interpretativo, Utilitário e Diversional. Dentro deles, ainda há uma subdivisão em formatos. Essas definições servem para abolir aquela caracterização que apresentava apenas jornalismo informativo e opinativo. “Até que ponto o informativo ‘informa’ e o opinativo ‘opina’?” (MARQUES DE MELO, 2003, p. 25).

Com a delimitação dos textos em gênero, a prática do meio passa a ser melhor esquematizada, assim como o entendimento do público se torna mais compreensível.

“Aprender a fazer jornalismo é aprender a produzir gêneros jornalísticos. O conhecimento mais profundo dos elementos que constituem os tipos mais frequentes de composições discursivas da atividade jornalística pode implicar em maior conhecimento sobre a própria prática. Isso significa conhecimento sobre as competências empregadas para a realização da atividade, desde a produção do produto” (SEIXAS, 2009, p. 1).

Essas definições explicitam a diferença entre repórter, comentarista e cronista. Os gêneros transparecem a noção de distintas profissões dentro de uma só, o jornalismo. O comentarista não possui as mesmas qualificações de um repórter e vice-versa. O analista deve estar apto a fazer julgamentos, enquanto o jornalismo informativo se vale de descrições mais precisas dos fatos. É importante que o leitor tenha o conhecimento das diferenças de gênero para que não embarque na armadilha de confundir notícia com impressão pessoal. Além de facilitar a prática profissional, os gêneros servem como um guia de orientação ao público.

A maior dificuldade entre os teóricos é encontrar uma classificação unânime ou ao menos aceitável. A divisão pragmática apenas entre gênero opinativo e informativo passou a ser questionada. Até agora foram produzidas poucas teses sobre essa questão, mas a mais utilizada e coerente é a feita por Marques de Melo. Por outro lado, alguns estudiosos contestam a homogeneidade dos gêneros. "Podemos concluir que não existe pureza dos gêneros, pois todo texto participa em um ou em vários gêneros. Sempre haverá um gênero ou vários gêneros em uma determinada obra" (MEDINA 2001, p.46).

O grande foco desse artigo é um aprofundamento dos recursos que compõem o gênero opinativo em seu formato de Comentário, explorando mais especificamente textos que avaliem a preparação da Copa do Mundo de 2014 no Brasil.

2.1 Comentário



O jornalismo opinativo é caracterizado pela liberdade de opinião do emissor, diferente do clássico gênero informativo. Atuam nessa área, especialistas que emitem juízo de valor e interpretação pessoal sobre determinada área ou assunto. "As opiniões podem surgir de quatro segmentos: da empresa, do jornalista, do colaborador e do leitor" (Marques de Melo, 2003, p. 102). Segundo o autor, cada setor da sociedade ajuda a distinguir o formato dentro do gênero. As opiniões partidas das empresas são correspondidas pelo editorial do veículo de comunicação. As análises do jornalista podem ser chamadas de comentário, resenha, coluna, crônica, caricatura e artigo. Este último também pode ser redigido por um intelectual ou colaborador. O leitor contribui com suas opiniões através do formato cartas.

O comentário é uma transmissão de opinião ao público pelo próprio jornalista, sem interferência da cúpula da empresa em que ele trabalha. Pelo menos, isso é o que se espera. De acordo com Marques de Melo (2003, p. 113), o comentário nasceu na imprensa como um contraponto ao editorial. "Era incômodo manter o monopólio que expressava, através do editorial, o ponto de vista das forças diretamente responsáveis pelo funcionamento da empresa jornalística". Já Eugênio Castelli (apud Marques de Melo, 2003) entende que o comentário é um gênero intermediário entre o editorial e a crônica, induzindo, muitas vezes, o leitor, à ironia, e ao humor da crônica.

É um formato de gênero que aparece no rádio, nas mídias impressas e digitais e costuma ter seu espaço preenchido por profissionais com certa bagagem e experiência, que conseqüentemente tornam-se sujeitos influentes na sociedade. Esse jornalista deve estar consciente da responsabilidade que carrega através de cada texto que escreve.

"O comentarista é geralmente um jornalista com grande experiência e tirocínio, que acompanha os fatos não apenas na sua aparência, mas possui dados sempre disponíveis ao cidadão. Trata-se de um observador privilegiado, que tem condições para descobrir certas tramas que envolvem os conhecimentos e oferecê-las à compreensão do público" (MARQUES DE MELO 2003, p. 112).

O comentário admite um posicionamento embasado em argumentos que sustentem determinada opinião. Todavia, o comentarista não deve atuar tendenciosamente ou impulsionado por alguma ideologia ou crença. Devem existir elementos de natureza científica para subsidiar uma opinião.

"É um analista que aprecia os fatos, estabelece conexões, sugere desdobramentos, mas procura manter, até onde é possível, um distanciamento das ocorrências. Isso não quer dizer que seja neutro. Ao contrário, trata-se de um profissional participante, que possui



opinião própria, mas atua como agente da notícia e não procura exercer sua função para extrair vantagens posteriores (cargos públicos/ascensão política). Em síntese, assume-se como juiz da coisa pública. Orienta sem impor. Opina sem paixão. Conduz sem se alinhar" (MARQUES DE MELO, 2003, p. 112-113).

O comentário pode ser visto como um estágio superior do jornalismo. É a passagem da pura descrição informativa para uma narrativa recheada de análise e olhar pessoal, que se viabiliza pela vivência desse profissional.

Temas políticos, de abrangência nacional, são os que mais invocam a participação do formato comentário e despertam a necessidade de análise da originalidade das opiniões. Acontecimentos como a Copa do Mundo costumam fragmentar teses. Desde a escolha do Brasil como sede, existiram muitas posições contrárias à realização do evento no país, enquanto outros defenderam com todas as armas possíveis, a importância de se aproveitar a oportunidade rara que o Brasil teria para sediar um mundial. Nessa fase mais recente, também há alguns contrastes. Enquanto em alguns espaços de jornais e sites, a cobrança pela ineficiência das obras e alto número de denúncias é maior, em outros a relevância desses assuntos não é tão notada. Por isso, se discute a fundamentação do comentário, também, no esporte.

3 TEXTUALIDADE E SIGNIFICADO

3.1 Implícitos Subentendidos

Os comentários de mídias impressas e da web são construídos por recursos lingüísticos mais complexos do que os formatos do gênero informativo. A proteção que se deve ter é maior, pois se lida com juízo de valor, o que muitas vezes pode ser confundido com uma acusação. Nesse sentido, pretendemos analisar algumas alternativas argumentativas, comumente encontradas.

Os comentaristas emitem algumas opiniões em cima de informações, sem recuperá-las, apenas confiando na capacidade do ouvinte em encontrá-las de acordo com as circunstâncias em que se envolve o tema abordado no texto. Essa lógica caracteriza-se com o emprego dos implícitos. É necessário uso de raciocínio e ter conhecimento prévio do contexto para se decifrar o que está sendo proferido pelo emissor, no texto. "Um texto diz coisas que parece não estar dizendo, porque não as diz explicitamente. Uma



leitura eficiente precisa captar tanto informações explícitas quanto as implícitas" (PLATÃO; FIORIN, 2001, p. 301).

Os implícitos podem ser divididos em duas categorias, pressupostos e subentendidos. Os pressupostos são ideias não explícitas, que são atribuídas por palavras contidas na frase. Exemplo: "Até os clubes já rebaixados venceram na última rodada". A palavra "até" esclarece o implícito embutido na frase que significa que os clubes já rebaixados não tem o hábito de vencer. Os subentendidos são mais freqüentes em comentários jornalísticos. Eles se referem a informações e lógicas contextuais que não estão presentes no texto. "São insinuações, não marcadas linguisticamente, contidas numa frase ou conjunto de frases" (PLATÃO; FIORIN, 2001, p. 310). Exemplo: "Se perder o Grêmio será rebaixado". O enunciado é a frase como foi pronunciada. O subentendido é de que em caso de empate ou vitória, o Grêmio não seria rebaixado no campeonato referido no suposto enunciado. Trataremos exclusivamente dessa categoria, pois é encontrada com mais regularidade - além de seu uso ser mais imprescindível - no meio jornalístico. Segundo PLATÃO E FIORIN (2001), a grande diferença entre as duas classificações é que a primeira delas ocorre quando uma informação é indiscutível tanto para o falante quanto para o ouvinte e o jornalista não pretende negar o que disse.

Os subentendidos são afirmações expressas de maneira não clara com o intuito de evitar o comprometimento do jornalista e deixar em aberto a possibilidade de negação da interpretação feita a partir do comentário.

"O enunciatador pode se recusar de reconhecer um subentendido, que é de responsabilidade do ouvinte, e se proteger, fingir que não reconhece a que chegou seu interlocutor. Trata-se de uma estratégia muito importante de raciocínio argumentativo, cuja decodificação mostra-se atuante em todo o processo de leitura e de interpretação" (LINO, 2003, p.3).

A interpretação de um enunciado pode ter significados diferenciados. As variações ocorrem de leitor para leitor. Características e predisposições pessoais àquela determinada opinião interferem na interpretação. "O significado passa a ser conhecido a partir do que não se disse explicitamente, levando-se em consideração o contexto situacional e os diferentes conhecimentos cognitivos, não só de caráter lingüísticos, mas também socioculturais" (CANDATEN, 2010, P. 13).

4 ANÁLISE

4.1 Implícitos Subentendidos



Vamos aprofundar esse modelo teórico, aplicando-o em alguns comentários esportivos, relacionados aos preparativos para a Copa de 2014.

WianeyCarlet, comentarista esportivo da Zero Hora e da Rádio Gaúcha, vem abordando constantemente as obras de estádios e outros pontos envolvendo a Copa 2014. Segue abaixo, o comentário esportivo, publicado em seu blog, no dia 21 de outubro, pelo site zerohora.clicrbs.com.br/rs.

Arena

É mais do que aceitável e compreensível que dirigentes e torcedores gremistas desejem levar para a Arena Gremista jogos da Copa 2014. As obras andam celeremente, o estádio será padrão Fifa e, inquestionavelmente, seria um palco adequado para a grande competição.

Inaceitáveis, porém, são alguns argumentos e contestações sem qualquer fundamento que ornamentam o debate. A Arena Gremista não existia na época em que foram escolhidos os estádios. O Beira-Rio, por seu lado, vinha de remodelações que encantaram a CBF e a própria Fifa. A escolha do estádio colorado foi uma obviedade. Quem imaginaria, naquela época, que o contrato entre o Inter e a AG demoraria tanto para ser assinado? Pretender que o Comitê Local da Copa, em função desta demora, pressionasse a Fifa para a mudança de estádio é provado desconhecimento do assunto. Tanto quanto confundir Comitê Local com a organização de Porto Alegre. No caso, local significa o país e o presidente deste órgão é Ricardo Teixeira.

Outro despropósito: alegar que o Beira-Rio desfruta isenções fiscais e outros benefícios que a Arena Gremista não tem. Ora, o Caderno de Encargos da Fifa impõe estas isenções para todas as obras, serviços e produtos destinados ao Mundial/14. O Beira-Rio, reforma, é um estádio mundialista e a Arena não. Se, para argumentar, o Inter declarar que não quer mais sediar a Copa ou a construtora desistir e a Arena Gremista for a substituta, obviamente estas isenções e benefícios irão para o estádio gremista. Fala-se muito sabendo-se pouco.

Neste comentário, observamos frases que contém opiniões fundamentadas em implícitos subentendidos, com informações ocultadas, mas que são percebidas por quem acompanha o retrospecto deste debate. Abaixo, os seguintes enunciados.

Enunciado: "A Arena Gremista não existia na época em que foram escolhidos os estádios".



Subentendido: Se a Arena Gremista estivesse em pé ou com data marcada para isso ocorrer, este seria o palco da copa ou ao menos concorreria de igual para igual com o Beira-Rio, para assumir esse posto.

Enunciado: *"A escolha do estádio colorado foi uma obviedade"*

Subentendido: Este fato só pode ser complementado com informações que não foram citadas no texto, ao contrário, ele não poderia ser compreendido. Implicitamente, ele quer dizer que na época não existia nenhum outro estádio com estrutura semelhante ao Beira-Rio, que pudesse ameaçar sua condição de sede gaúcha da copa. Já desencadeando outro implícito, ele pode estar querendo dizer que o Beira-Rio não teria por si só, credenciais para ser escolhido. O leitor pode concluir que o Olímpico tem uma estrutura arcaica e não seria uma alternativa de maneira nenhuma. Outra hipótese percebida é de que naquela ocasião, muitos poderiam duvidar de que o projeto da Arena se concretizasse. O último subentendido é de que todos pensavam que o Beira-Rio executaria seus planos de remodelação sem percalços ou empecilhos.

Enunciado: *"Quem imaginaria, naquela época, que o contrato entre o Inter e a AG demoraria tanto para ser assinado?"*

Subentendido: O principal deles é de que a parceria entre Internacional e Andrade Gutierrez seria firmada sem obstáculos e as obras já estariam em fase avançada. Pode também se concluir que na época descrita (não especificada), não haveria necessidade de parceria e o clube produziria as obras com seus próprios recursos.

Enunciado: *"Pretender que o Comitê Local da Copa, em função desta demora, pressionasse a Fifa para a mudança de estádio é provado desconhecimento do assunto. Tanto quanto confundir Comitê Local com a organização de Porto Alegre. No caso, local significa o país e o presidente deste órgão é Ricardo Teixeira".*

Subentendido: Nessa situação, a implicitude é maior. Uma primeira conclusão é de que o responsável pela questão dos estádios de Porto Alegre e outras capitais, não é o Comitê Local da Copa, e sim representantes da prefeitura e órgãos próximos. Outra interpretação que não tem dados suficientes no texto que fundamentem e depende do conhecimento prévio do leitor sobre acontecimentos no ramo esportivo



é quando Carlet cita o Presidente da CBF, Ricardo Teixeira. São alusões à corrupção e incompetência, o que só pode ser detectado por quem acompanhou o retrospecto de escândalos e denúncias em que Teixeira encontra-se envolvido. Mas são apenas referências indiretas. É uma generalização, pois não se sabe a qual das denúncias o comentarista está se referindo. "Se o outro perguntar se está sendo acusado, o preterido poderá responder que não está falando dele e apenas em tese" (PLATÃO E FIORIN, 2001, p. 311).

Com a explicitação desses subentendidos, torna-se mais clara a posição do comentarista. Ele quis referir-se a demora que o estádio gremista enfrentou para virar uma realidade, o que não o credenciou como sede no momento de definição dos estádios. Além disso, repercute como inesperada esse atraso nas obras do Beira-Rio e o imbróglio da parceria com a Andrade Gutierrez. O trecho do comentário que mais foi coerente à linguagem implícita foi a acusação a Ricardo Teixeira. Esse é um recurso que possibilita a Wianey se manifestar de acordo com suas ideias, sem se comprometer, fazendo uso de uma forma de expressão não objetiva.

Vamos analisar, por hora, o comentário de Luiz Zini Pires, colunista da Bola Dividida, no caderno de esportes de Zero Hora, publicado no dia 27 de outubro de 2011, em seu blog Bola Dividida, no site de zerohora.clicrbs.com.br

Os fantasmas políticos da Copa em Porto Alegre

Você que segue estas linhas e que gosta de futebol perdeu uma oportunidade histórica.

Não vai mais gastar cerca de R\$ 270 para assistir um possível Brasil e Espanha, talvez Alemanha e Uruguai, quem sabe Inglaterra e Japão, nas novas cadeiras do Beira-Rio.

Sem a Copa das Confederações (CF), o Rio Grande do Sul perdeu uma das suas duas históricas Copas em três anos. Teria sete, talvez oito jogos internacionais nunca vistos nestas terras de Gre-Nal entre os dois torneios. Ficou com cinco na Copa do Mundo.



Quinta-feira passada, o Beira-Rio foi limado de 2013 pela Fifa por problemas técnicos. Não ofereceu garantias aos suíços que, sem o cronograma das obras, não conseguiram garantir as três partidas na Capital de junho de 2013 na Capital.

Não imagine um complô mundial na decisão, tramas políticas, ataques ao Palácio do Planalto via CBF ou Fifa.

O Inter se perdeu nos próprios corredores do Beira-Rio. O racha político trincou a gestão vitoriosa de quase uma década. A mudança gerou dois modelos de negócios distintos para o estádio em menos de dois anos, um deles inviável, e catapultou a Copa das Confederações para o Nordeste.

No meio das discussões entre a CBF, o COL (Comitê Organizador Local da Copa) e a Fifa, observado de lado e de longe pela maioria dos políticos locais, não surgiu nem uma liderança gaúcha, colorada, capaz de juntar as partes, botar a bola no centro e recomeçar o jogo no Beira-Rio.

A Fifa até poderia ter servido de juiz.

Enunciado: “Não vai mais gastar cerca de R\$ 270 para assistir um possível Brasil e Espanha, talvez Alemanha e Uruguai, quem sabe Inglaterra e Japão, nas novas cadeiras do Beira-Rio.”

Subentendido: Quando Zini Pires cita até mesmo o preço que custarão as partidas do torneio em solo brasileiro, ele tenta repassar uma sensação de alto custo e investimento que os cidadãos deverão realizar para assistir a jogos da Copa no país. Essa ideia é redobrada quando ele cita partidas de Alemanha e Uruguai, Inglaterra e Japão. As interpretações são mais confusas. Subentende-se que esses jogos são caros demais para pouca importância que admite para nós gaúchos e brasileiros. A frase se torna também ambígua quando o autor fala nas “novas cadeiras do Beira-Rio”. Uma conclusão é que o blogueiro confia no avanço das obras e acredita que o Internacional resolverá a tempo os problemas enfrentados para alavancar seus planos. Pode-se também enxergar certa ironia nesse caso. Num momento em que começa a haver grandes questionamentos sobre o estádio gaúcho da copa, a afirmação acompanhada de adjetivos pode sugerir um recado indireto aos organizadores da copa, aparentando devida dúvida sobre a concretização ou não do



novo Beira-Rio. Essas implicações são todas abstratas e não apresentam mecanismos suficientes que a provam. Esse é o grande trunfo dos profissionais do gênero opinativo.

Enunciado: *“Sem a Copa das Confederações (CF), o Rio Grande do Sul perdeu uma das suas duas históricas Copas em três anos. Teria sete, talvez oito jogos internacionais nunca vistos nestas terras de Gre-Nal entre os dois torneios. Ficou com cinco na Copa do Mundo.”*

Subentendido: Nesse trecho, ele refere-se à exclusão de Porto Alegre como sede da Copa das Confederações, tratando-a como uma perda irreparável e histórica. É um subentendido só percebido para quem vivenciou as circunstâncias presentes e antecedentes à escolha das sedes daquele torneio. A cidade que tinha presença praticamente confirmada no torneio foi deixada de fora pela FIFA pelo fato de o contrato entre Inter e Andrade Gutierrez, para dar segmento às obras de reformulação do estádio, ainda não ter sido assinado. A formalização é exigência da FIFA, mesmo que já exista um acerto.

Enunciado: *“Não imagine um complô mundial na decisão, tramas políticas, ataques ao Palácio do Planalto via CBF ou Fifa”*

Subentendido: é uma acusação indireta, mas agressiva, à direção do Internacional. Se não houve complô nem tramas políticas, o jornalista dá a entender que a razão da exclusão de Porto Alegre da Copa das Confederações foi por erros cometidos pelo clube colorado, como a parceria feita com a construtora Andrade Gutierrez. A palavra complô é escolhida com propriedade para fundamentar essa opinião. Esse tipo de enunciado se enquadra na tese de proteção por meio de implícitos. "O falante pode esconder-se atrás do sentido literal das palavras e negar que tenha dito o que o ouvinte despreendeu-se de suas palavras" (PLATÃO E FIORIN, 2001, P. 311)

O próximo parágrafo confirma o implícito e abre mais desdobramentos, através do seguinte enunciado. *“O Inter se perdeu nos próprios corredores do Beira-Rio. O racha político trincou a gestão vitoriosa de quase uma década. A mudança gerou dois modelos de negócios distintos para o estádio em menos de dois anos, um deles inviável, e catapultou a Copa das Confederações para o Nordeste”*.



Subentendido: Quando ele diz que o racha político trincou a gestão vitoriosa de quase uma década, é uma referência indireta à gestão do presidente Giovanni Luigi, caracterizando-a como não vitoriosa. Segundo PLATÃO E FIORIN (2001, P. 311), os subentendidos dizem sem dizer, sugerem mas não afirmam. A seguir, ele relata que o Internacional tinha a disposição, dois modelos de reformulação para o estádio e o clube optou pelo que não funcionaria que é o de parceria. O verbo “catapultou”, somado a frase “O Inter *se* perdeu nos próprios corredores do Beira-Rio”, configura um ofensivo ataque à gestão atual, trazendo a impressão de incompetência que proporcionou um desastre. As palavras parecem ser medidas minuciosamente para que se encaixem na linguagem de subentendidos e não possibilitem o recrutamento de provas que afirmem uma acusação.

A ideia central do comentário concentrou-se em refletir as razões da exclusão de Porto Alegre dentre as cidades sedes da Copa das Confederações. Foi perceptível uma transferência de responsabilidade ao Internacional e sua direção, mesmo que com uso de implícitos.

5 Conclusão

A densidade com que é tratado o tema copa do mundo é bastante apurada. A abordagem do assunto pode se dar em diferentes meios jornalísticos. Por isso, a importância de se distinguir os diferentes gêneros jornalísticos propostos por Marques de Melo (2003). Vimos que a prática jornalística pode estar dividida em cinco gêneros: informativo, opinativo, interpretativo, utilitário e diversional. Cada gênero subdivide-se em diversos formatos. Concluímos que ainda há a escassez de estudos de gêneros e de uma classificação que agrade a todos. Esse trabalho pautou-se em cima do gênero opinativo em seu formato comentário, segundo a subdivisão de Marques de Melo (2003).

Percebemos com as análises que o formato comentário do gênero opinativo atua como um juiz de valor dos fatos noticiados no gênero informativo. Ao mesmo tempo em que o comentário avalia os acontecimentos, algumas opiniões mais fortes, principalmente no sentido de acusação devem ser comedidas. Por isso, foi notado nos dois comentários analisados o repetido número de ditos implícitos. Os comentaristas fazem questão de emitir sua opinião, mas ao mesmo tempo evitar



problemas maiores, já que a maioria dos julgamentos ou acusações referidas não possuem provas concretas.

As análises dos contextos em que se inserem o comentário nos permitiu decifrar os subentendidos menos claros e obter maior entendimento sobre a posição do autor sobre o assunto. Ficou claro que os implícitos auxiliam os comentaristas a se esquivar de assumir o que afirmam em seus textos. O profissional desse gênero deveria, em tese, estar mais apto a julgar os fatos, sem se preocupar com comprometimento. Claro que a falta de provas no momento de um julgamento torna sua ação mais comedida. Mas a tarefa de garantir as provas e apurar os fatos cabe ao próprio jornalista. Nos dois comentários analisados, encontramos acusações à direção do Internacional e ao Presidente da CBF, sendo proferidas sem clareza nas palavras e fácil identificação contextual.

A necessidade de responsabilidade com o que está sendo dito justifica a atuação de profissionais com mais experiência e bagagem nesse tipo de formato. Mesmo assim, o medo de assumir o próprio comentário ainda se faz presente.

6 Referências Bibliográficas

CANDATEN, Luana Paula. **Pressupostos e subentendidos nas manchetes de capa de Zero Hora no segundo turno das eleições presidenciais de 2010**. Santa Maria. Universidade Federal de Santa Maria, 2011.

LINO, Maria Aparecida. **Texto e Discurso: Os processos de desvendamento inferencial**. Rio de Janeiro. Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

MEDINA, Jorge Lellis Bonfim. Revista Simposium. **Gêneros Jornalísticos: Repensando a questão**. 5 ed. Recife-PE. Universidade Católica de Pernambuco. 2001.

MARQUES DE MELO, José; ASSIS, Francisco de. **Gêneros Jornalísticos no Brasil**. São Paulo. Ed. UESP.

MARQUES DE MELO, José. **Jornalismo opinativo: gêneros opinativos no jornalismo brasileiro**, 3.ed. Campos do Jordão: Mantiqueira, 2003.



PLATÃO, Francisco S; FIORIN, José Luiz. **Lições de texto: leitura e redação**. 4.ed. São Paulo: Ática, 2001.

SEIXAS, Lia. **Uma proposta para a noção de gênero jornalístico**. Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação. 2009.